OS
BANDOLEIROS.

MELODRAMA EM 4 PARTES.

PARA SE REPRESENTAR

NO

R. T. DE S. CARLOS

LISBOA,
Typographia de Borges.
RUA DA OLIVEIRA N.º 65 (AO CARMO.)

1849.

OS BANDOLEIROS.

MELODRAMA EM 4 PARTES.

PARA SE REPRESENTAR

NO

R. T. DE S. CARLOS.

LISBOA,
Typographia de Borges.
RUA DA OLIVEIRA N.º 65 (AO CARMO).
1849.

ADVERTENCIA.

Este melodrama foi tirado da celebre tragedia de Schiller. — *Os Bandoleiros* — primeira obra dramatica que aquelle celebre engenho deo á luz, antes que a idade e o estudo temperassem a sua fervida imaginação. Os grandes trabalhos que padecêra durante a sua mocidade, e uma alma naturalmente inclinada á dor, lhe inspiraram este drama terrivel. Porém se a espantosa pintura que elle faz da sociedade dista em parte da verdade e do conhecimento do coração humano, que tanto admiramos em *Stuard*, *Tell*, e *Wallenstein*, offerece por outra parte um interesse tão vivo, que seria difficil escolher outro assumpto mais rico em acontecimentos variados, e com situações mais appropriadas á musica.

Limitado o poeta neste genero de composições

á um espaço angustissimo, não podendo dar ao pensamento as proporções, e o discurso psycologico exigidos pelo drama, só póde apresentar ao Mestre pouco mais de um esquelete, que espera das notas mais que das palavras, forma, calor e vida. Em summa elle deve reduzir um vasto conceito 'a uma pequena dimensão, sem alterar a phisionomia original, como uma lente concava que faz os objectos mais pequenos; e conserva todavia a forma delles. O melodrama portanto não póde ser senão o germen da creação poetica, que recebe do pensamento musical desenvolvimento e perfeição.

Tudo isto tive em vista circumscrevendo a poucos versos a grande tragedia dos Bandoleiros, sem esperar, nem pretender dar-lhe o especioso titulo de trabalho litterario.

Portanto se o meu escasso engenho não attingio a meta desejada, peço desculpa em attenção ao grande estudo e fervor empregados em fazer Italianas as inspirações sublimes do author alemão.

André Maffei.

INTERLOCUTORES.

MAXIMILIANO, Conde de Moor, Regente.
Sr. N. Benedetti.

CARLOS, Seu Filho.
Sr. A. Volpini.

FRANCISCO, Dito.
Sr. C. Fiori.

AMALIA, orphã, sobrinha do Conde.
Sr. M. Gresti.

ARMENIO, Camarista da familia regente.
Sr. A. Bruni.

MOSER, Pastor.
Sr. A. M. Celestino

ROLLA, Companheiro de Carlos Moor.
Sr. P. Queiroga.

Coro de mancebos desencaminhados, depois Salteadores — Mulheres — Rapazes — Criados.

A acção se passa na Germania, e dura trez annos pouco mais ou menos. A época é do seculo XVIII.

A musica é do Sr. José Verdi.

PARTE PRIMA.

SCENA I.

Taverna al confine della Sassonia.

Carlo Moor immerso nella lettura di un libro.

Quando io leggo in Plutarco, ho noja, ho schifo
Di questa età d'imbelli!.. Oh se nel freddo
Cenere de' miei padri ancor vivesse
Dello spirto di Arminio una scintilla!
Vorrei Lamagna tutta
Far libera così, che Sparta e Atene,
Sarieno al paragon serve in catene.

Voci (fra le scene)
« Una banda, una banda; eroi di strada.,
Col pugnale — e col bicchier
Nessun vale — il masnadier!»

Car. Son gli ebbri, inverecondi
Miei compagni d'errore!...
Quanto, o padre, mi tarda il tuo perdono
Onde por questi abbietti in abbandono!
O mio castel paterno,
Colli di verde eterno,
Come fra voi quest' anima
Redenta esulterà!
Amalia! a te m'appresso,
M' apri il tuo casto amplesso!
Fammi, o gentil, rivivere
Nella mia prima età.

PARTE PRIMEIRA.

SCENA I.

Taberna nos confins da Saxonia.

Carlos Moor absorto na leitura de um livro.

Quando eu leio Plutarco aborrece-me viver nesta idade de imbecis! . . Ah! se nas frias cinzas de meus paes ainda houvesse uma scintilla do espirito de Armenio, eu com ella inflammaria toda a Alemanha, e tão livre a faria, que Esparta e Athenas em sua comparação seriam escravas!

Vozes (de dentro) Um bando de heroes de estrada! . . .

Com o punhal e o copo na mão ninguem igua-la ao Bandoleiro! . .

Car. São os ebrios e impudentes meus companheiros no erro! . . O' pae, quanto me tarda o teu perdão para deixar a companhia de entes tão abjectos! O' meu castello paterno, ó collinas sempre verdes, como em vos tornando a ver exultará a minha alma! Amalia, quando estiver junto de ti ah! concede-me um teu amplexo; concede-me a existencia ditosa da minha primeira idade!

C.

SCENA II.

Parecchi giovani entrano frettolosi.

Coro (a Car.) Ecco un foglio a te diretto...
(Carlo lo strappa loro di mano)
Tremi tu?
Car. Beato io sono!
Questo, amici, è il mio perdono.
(apre e legge la lettera)
Coro (fra loro) Come imbianca e muta aspetto!
Car. Tristo me! di mio fratello!
(fugge precipitoso lasciando cader la lettera)
Uno del Coro (raccogliendola)
Per mia fe, lo scritto è bello!
« T'annuncia il padre tuo per la mia bocca
Di non far sul ritorno alcun pensiero,
Se non vuoi solitario e prigioniero
D'acqua e pane cibarti in una rôcca. »
Coro Pane ed acqua! il cibo è grasso.
(Car. ritorna fieramente agitato)
Car. Fiere umane, umane fiere,
Dure più d'alpestre sasso!...
Così calde e pie preghiere
Non l'han tocco, intenerito?
Oh potessi il mar, la terra,
Sollevar con un ruggito,
Contro l'uomo unirli in guerra!
Coro Senti, Carlo!
Car. Ov'è la spada
Che dà morte a tai serpenti?
Coro Noi l'abbiam. Ti calma e senti.
Comporremo una masnada...

SCENA II.

Varios mancebos entram apressados.

Coro (a Carlos) Esta carta é dirigida a ti. (Carlos lha tira.) Tu tremes?

Car. Eu sou feliz! Amigos, este é o meu perdão.

(abre a carta, e a lê.)

Coro (á parte) Como se perturba, e muda de côr!

Car Ai de mim! é de meu irmão! (foge precipitadamente, deixando cair a carta.)

Um do Coro (apanhando-a) A fé, o contheudo é lindo!

« Por ordem de teu pae annuncio te que se regressares á casa paterna, serás preso, e condemnado a viver a pão e agua n'uma rocha solitaria. »

Coro Pão e agua! o banquete é lauto!

(Carlos volta muito agitado.)

Car. Féras humanas, vos tendes o coração mais duro que as pedras alpestres!.. Pois não poderam minhas pias e fervidas supplicas enternecel-o? Ah! podesse eu com um rugido meu sossobrar a terra e o mar, e provocal-os a guerre eterna contra o homem!

Coro Ouve, Carlos!

Car. Qual será a espada capaz de matar taes serpentes?

Coro Nós a temos, nós formaremos uma quadrilha de...

CAR. (con un sobbalzo)
Ladri noi? Chi v'ha piovuto,
Spirti iniqui, un tal pensiero?
CORO E tu capo e condottiero.
CAR. Per la morte, io non rifiuto!
CORO Nostro?
CAR. Vostro! Ecco la mano.
CORO Viva, viva il Capitano!
(con un grido di gioja, traendo le spade)
CAR. Nell' argilla maledetta
L'ira mia que'ferri immerga!
Vo' la strage alle mie terga,
Lo spavento innanzi a me.
Furie voi della Vendetta,
Meco avvolti in una sorte,
Qui dovete, a questa forte
Mano mia giurar la fe.
CORO Noi giuriamo a questa forte
Mano tua la nostra fe.
(partono tumultuosamente)

SCENA III.

Franconia. Camera nel castello dei Moor.

FRANCESCO MOOR solo, dopo qualche meditazione.

Vecchio! spiccai da te quell'abborrito
Primogenito tuo! La piangolosa
Lettera ch'ei ti scrisse io l'ho distrutta;
Una mia ne leggesti, ove te'l pinsi
Con sì cari colori... Alfin la colpa
Della natura, che minor mi fece
Castigai nel fratello; ora nel padre

Car. (com espanto) Nós ladrões? Quem vos sugerio, iniquos, taes intentos?

Coro E tu nosso chefe...

Car. Eu não recuso só para encontrar a morte.

Coro Serás nosso?

Car. Vosso! Eis a mão em penhor.

Coro (com brado de alegria, desembainhando as espadas) Viva o nosso capitão!

Car. A minha ira dirigirá esses ferros contra a argila amaldiçoada! Será meu precursor o espanto, e deixarei atraz de mim o campo juncado de cadaveres. — Furias da vingança, jurai a esta forte dextra de unir-vos comigo em uma só vontade.

Coro. Nós juramos fidelidade á tua forte dextra.

SCENA III.

Franconia — Quarto no castello de Moor.

Francisco Moor, depois de breve meditação.

Velho! eu afastei de ti teu filho primogenito! Eu destrui a supplice carta que elle te escreveo, e leste outra minha em que to pintava com taes côres... Finalmente puni no irmão a culpa da natureza que me fez nascer menor; agora devo punil-a no pae... Mas os deveres de filho!..

Punir la debbo... Il dritto!
La coscienza! Spauracchi egregi
Per le fiacche animucce. Osa, Francesco!
Spácciati del vecchiardo... E' vivo a stento
Questo logoro ossame; un soffio... è spento.
La sua lampada vitale
Langue, è ver, ma troppo dura;
Se va lenta la natura,
Giuro al ciel! l' affretterò.
Mente mia, trova un pugnale
Che trapassi il core umano,
Nè svelar possa la mano
Che lo strinse e lo vibrò.
(ricade ne' suoi pensieri, indi prosegue)
Trionfo, trionfo! colpito ho nel segno...
Arminio t' avanza!

SCENA IV.

ARMINIO, FRANCESCO.

ARM. Signor, che volete?
FR. Mi sei tu fedele?
ARM. Qual dubbio n'avete?
FR. Or ben! Secondarmi tu devi un disegno.
Travéstiti in modo che niun ti ravvisi;
Poi vanne a mio padre; gli narra che spento
Sul campo di Praga, fra un monte d'uccisi
Lasciasti il suo Carlo.
ARM. Ma s' io vi consento
Darammi poi fede?
FR. Berrà la tua nova;
Me'l credi; fornirti vogl'io di tal prova,
Che l'uom più sagace cadrebbe in errore.
(Arm. parte)

a consciencia!.. Ah!.. estes são vãos temores das almas pequenas. Francisco não hesites! desembaraça-te do velho... a sua languida existencia é luz debil que com um sopro se apaga.

E' verdade que o seu alento vital já é languido, porém dura ainda, e se a natureza é lenta, juro ao céo que eu anticiparei os seus effeitos. O' minha mente, sugere me um punhal que trespasse o coração humano, cujo golpe deixe ignorada a mão que o vibra.

(Torna a cair absorto em seus pensamentos, depois prosegue.)

Triumpho, triumpho! acertei. — Armenio adianta-te.

SCENA IV.

ARMENIO e FRANCISCO.

ARM. Que queres, senhor?

FR. Me és fiel tu?

ARM. Podes duvidar de mim?

FR. Pois bem: tu deves auxiliar-me n'uma empresa. Disfarça-te de maneira que ninguem possa conhecer-te; depois vai ter com meu pae, e narra-lhe que deixaste no campo de Praga seu filho Carlos morto, e confuso n'um monte de cadaveres.

ARM. E elle me prestará fé?

FR. Elle dará credito á tua nova, eu munir-te-hei de taes provas que illudirião o homem mais sagaz. (Arminio vai-se.)

SCENA V.

Francesco solo.

Fra poco, o Francesco, sarai qui signore!
Tremate, o miseri! — voi mi vedrete
Nel mio terribile — verace aspetto;
D'un vecchio debole — che non temete,
Più non vi modera — la stanca man.
Al riso, al giubilo — succederanno
Singulti, lagrime, — timor, sospetto;
L'inedia, il carcere, — l'onta, l'affanno
Strazio ineffabile — di voi faran.

SCENA VI.

Camera da letto nel castello.

Massimiliano Moor addormentato sur una seggiola. Amalia si accosta pian piano e si ferma a contemplarlo.

Ama. Venerabile, o padre, è il tuo sembiante
Come il volto d'un santo. Oh sia tranquillo
Il sonno tuo! T'involi
Al dolor della vita, e ti consoli.
Hai sbandito il mio Carlo; ogni mia gioja
Per tua cagion perdei,
Ma con te corrucciarmi io non potrei.
(come côlta da pensiero improvviso)
Lo sguardo avea degli angeli
Che Dio creò d'un riso...
I baci suoi stillavano
Gioir di paradiso.

SCENA V.

FRANCISCO só.

Brevemente, Francisco, serás aqui senhor! Miseraveis, que já não temeis a mão tremula de um velho caduco, tremei agora! Ver-me-heis no meu terrivel, verdeiro aspecto! Ao riso e ao jubilo succederão os singultos, as lagrimas, o terror, e a suspeita; eu vos apresto a inedia, o carcere, a vergonha, e a afflicção.

SCENA VI.

Quarto de cama no Castello.

MAXIMILIANO adormecido sobre uma cadeira. AMALIA chega-se devagar, e pára a contemplal-o.

AM. O' pae, o teu semblante é veneravel como o rosto de um santo. Possa o teu somno ser tranquillo, subtrahir-te ás penas da vida, e confortar-te! Tu baniste o meu Carlos, por ti perdi todas as delicias da minha vida, mas não posso irar-me comtigo. Ah! elle tinha o olhar dos anjos, que Deus creou com um riso seu... seus beijos abriam os prazeres do Ceo...

Nelle sue braccia!.. un vortice
D'ebbrezza n'avvolgea.
Come due voci unisone,
Sul core il cor battea.
Anima uniasi ad anima
Fuse ad un foco istesso,
E terra e ciel pareano
Stemprarsi in quell' amplesso.
Dolcezze ignote all'estasi
D'un Immortal gustai;
Sogno divin! ma sparvero,
Nè torneran più mai.

MASS. (in sogno) Mio Carlo!..

AMA. Ei sogna.

MASS. Oh quanto
Misero sei!

AMA. Ti sveglia, amato padre;
E le tue larve spariran.

MASS. Francesco!
Pur nel sogno me'l togli?

AMA. Io son, mi guarda,
La tua figlia son io.

MASS. Tu qui?.. pur or sognava (apre gli occhi)
Del nostro Carlo. O povera fanciulla!
L'april delle tue gioje io disfiorai.
Non maledirmi...

AMA. Maledirti? oh mai!

MASS. Carlo! io muojo... ed, ahi! lontano
Tu mi sei nell' ultim' ore.
Una fredda, ingrata mano
Nell' avel mi comporrà.
Caro è il pianto all' uom che muore,
Ma per me chi piangerà?

AMA. Oh lasciarti io pur vorrei

nos seus braços era o deleite ebriedade; nossos peitos batiam como duas vozes unisonas; nossas almas mutuamente se transfundiam e formavam uma só; parecia que a terra e o céo sorrissem á porfia ao nosso amplexo. A extasis do meu jubilo foi mais qne immortal; foi sonho divino que desappareceo para nunca mais voltar.

Max. (sonhando) Meu Carlos!

Ama. Elle sonha!

Max. O' quanto és misero!

Ama. Acorda, amado pae, e desapparecerão os teus sonhos.

Max. Francisco! tambem m'o roubas sonhando?

Ama. Sou eu, olha me, sou a tua filha.

Max Tu aqui... (abre os olhos) estava agora sonhando do nosso Carlos. Pobre donzella, no verdor dos teus annos eu enlutei a tua alma! Ah! não me amaldiçoes!

Ama. Amaldiçoar te eu?.. Ah! nunca!

Max. Carlos eu morro... e estás longe de mim nas horas extremas... Uma fria e ingrata mão me collocará no tumulo! Para o homem que morre é conforto o pranto que vê derramar; mas por mim quem chorará?

Ama. O' dolorosa, humana vida, agora que

Dolorosa umana vita,
Or che tutto io qui perdei,
Nè la terra un fior mi dà!
(con entusias.) E per sempre a Carlo unita
Spaziar l'eternità!

SCENA VII.

Francesco ed Arminio travestito. I precedenti.

Fr. Un messaggero di trista novella;
Vi piace udirlo?
Mass. (ad Arm.) Che porti? favella!
Arm. Di Carlo vostro contezza vi reco....
Ama. Dov'è?
Mass Viv'egli?...
Arm. Compagno fu meco
Fra le bandiere di re Federico,
Che lo raccolse fuggiasco e mendico.
Am. Mas. Misero!
Arm, A Praga pugnò quell'ardito,
Fin che da mille percosso, ferito...
Fr. (avventandosi ad Arminio)
Taci, spietato!
(Mass. fa cenno ad Arm. di continuare)
Arm. Parlavami a stento...
« Porta a mio padre quel ferro cruento,
E digli: il figlio da voi ribnttato
Fra l'armi e il sangue morì disperato. »
Mass. (con uno scoppio di dolore)
Son io quel padre dal ciel maledetto!
Arm. Ed era Amalia l'estremo suo detto.
Ama. La trista io sono che al pianto sorvisse!
Fr. (mostra all' Ama. la spada)

tudo perdi, que a terra nem uma só flor produz já para mim, eu quizera deixar-te; ah! só anhelo unir-me a Carlos na eternidade!

SCENA VII.

FRANCISCO e ARMENIO disfarçados, e dictos.

FR. Queres ouvir um mensageiro de infausta nova?

MAX. (a Arm.) Que trazes? falla!

ARM. Trago novas de Carlos...

AMA. Onde está elle?

MAX. Elle está vivo?..

ARM. Foi meu companheiro d'armas nas campanhas do rei Frederico, que o accolheo mendigo e fugitivo.

AMA. e MAX. Misero!

ARM. Elle obrou em Praga prodigios de valor, até que opprimido pelo numero, e ferido...

FR. (obrigando Arm. a calar-se) Cala-te desapiedado!

(Max. acena a Arm. de continuar.)

ARM. Custou-lhe a proferir estas palavras « leva a meu pae esta espada, e diz-lhe que seu expulso filho morreo desesperado no ardor de sanguinosa peleja. »

MAX. (estalando de dor) Eu sou um pae amaldiçoado do céo!

ARM. E Amelia foi a ultima palavra que articulou.

AMA. Eu sou a misera que lhe sobreviveo para chorar eternamente.

FR. (mostra a Amalia a espada) Observa el-

Leggi! il tuo Carlo col sangue vi scrisse:
«Dal giuro, Ama., ci scioglie la morte.
Sii tu, Francesco, d'Amalia consorte.»

AMA. Ah Carlo, Carlo, tu mai non mi amasti!

MASS. (a sè stesso, stracciandosi i capelli)
Tigre feroce, qual sangue versasti!
Sul capo mio colpevole
L'ira del ciel discenda!
(si getta sopra Fr.) Ma tu che svelta, o perfido,
M'hai la bestemmia orrenda,
Rendimi tu, tu rendimi
L'ucciso mio figliuol!

AMA. Padre! lo assunse ai mártiri
Il Dio dei travagliati,
Perchè quaggiù non fossimo
Come nel ciel beati;
Ma lo vedrem, consólati!
Là tra le stelle e 'l sol.

FR. (fra sè. Grázie, o dimón! lo assalgono
Dolor, rimorso ed ira.
La disperanza or méscivi,
Potente, ultima dira;
Fenda quel cor! ne dissipi
La poca aura vital.

ARM. (fra sè) Non so, non so più reggere
Al suo dolor paterno!
Questa menzogna orribile
Mi fia rimorso eterno;
Fitto l'ho già nell'anima
Come infocato stral.

(Mass sviene.)

AMA. Ei muore!.. è morto... oh Dio!..
(manda un grido e fugge.)

FR. (giubilante) Morto?.. Signor son io!

le aque escreveo com o sangue: «O' Amalia, a morte nos desliga do juramento; sê pois esposa de Francisco.»

AMA. Ah! Carlos, tu nunca me amaste!

MAX. (a si mesmo, arrancando-se os cabellos) Tigre feroz, que sangue derramaste! possa a ira celeste cair sobre a minha cabeça! (a Fr.) Mas tu que soubestes arrancar dos meus labios a horrivel blasphemia, restitue-me agora o meu filho!

AMA. Pae! o Deus dos atribulados o chamou para o numero dos martyres, elle não quiz que gozassemos na terra das delicias celestiaes; conforta-te, nòs o veremos entre as estrellas e o sol!

FR. (á parte) Graças vos rendo, ó demonios! Que a dòr, a ira, o remorso, e o cruel desespero atormentem agora a sua alma, e lhe extingam o pouco alento vital que lhe resta!

ARM. (á parte) Eu não sei resistir á sua paterna dôr! Eterno será o meu remorso por esta horrivel mentira; elle já penetra na minha alma qual dardo abrazado!

(Max. cae desmaiado)

AMA. Elle morre..... está morto..... O' Deus!.. (dá um brado e foge.)

FR. (exultando) Morto?.. Agora sou eu o senhor!

PARTE SECONDA.

SCENA I.

Recinto attiguo alla chiesa del castello. Vi sorgono in disparte alcuni sepolcri gotici. In un recente é scolpito il nome di Massimiliano Moor.

AMALIA sta genuflessa innanzi al sepolcro di Massimiliano. Dopo breve silenzio alzandosi.

Dall'infame banchetto io m'involai,
Padre, e qui mi rifuggo, all'obbliato
Sepolcro tuo che sola
La furtiva mia lagrima consola.

CORO INTERNO Godiam, chè fugaci
Son l'ore del riso;
Dai calici ai baci
Ne guidi il piacer.
La fossa, la croce
Ne manda un avviso:
« La vita è veloce,
T'affretta a goder. »
Lasciamo i lamenti
Di stupido rito,
Plorar sugli spenti
E' folle dolor.
Non turbino i negri
Colori il convito,

PARTE SEGUNDA.

SCENA I.

Recinto contiguo á igreja do castello. A um dos lados sepulcros gothicos. N'um delles, erigido recentemente, lê-se o nome de Maximiliano Moor.

AMALIA, genuflexa diante do sepulcro de Maximiliano, ergue-se depois de breve silencio.

O' pae, eu pude alfim subtrahir-me ao infame banquete, e buscar um refugio junto do teu sepulcro, ao qual só traz conforto o meu furtivo pranto!

CORO (de dentro.) Aproveitemo-nos, porque as horas do jubilo duram pouco; que o prazer do copo nos conduza ao prazer dos beijos.

A cruz e o tumulo são inevitaveis; a vida é curta, apressemo-nos a gozar. Deixemos os lamentos de um rito estupido, é louca mania chorar pelos defuntos. Não offusquemos o convite

Qui brilli e n'allegri
La tazza e l'amor.
La sorte futura
De' fiacchi è terrore,
Ma sillaba oscura
De' forti al pensier.
Godiam, chè fugaci
Del riso son l'ore;
Dai calici ai baci
Ne guidi il piacer.

AMA. Tripudia, esulta, iniquo,
Sull' ossa di tuo padre!... Oh! ma la pace
Che nella vita gli rapisti, in morte
Funestar non gli puoi! No! non penétra
L'esecrata tua voce in quella pietra.
Tu del mio Carlo al seno
(volgendosi alla tomba)
Volasti, alma beata,
E il tuo patir terreno
Or si fa gioja in ciel.
Sol io qui vivo in pianto
Deserta e sconsolata;
Oh quanto invidio! oh quanto
Il tuo felice avel!

SCENA II.

ARMINIO agitato. AMALIA.

ARM. Ah, signora!
AMA. Che vuoi?
ARM. D'un gran misfatto
Chieggo perdon:..
AMA. Mi lascia!

com negras cores, aqui só deve reinar e brilhar o copo e o amor. A sorte futura é o terror dos fracos, mas para os fortes é um pensamento obscuro. Aproveitemo-nos, porque as horas do jubilo duram pouco; que o prazer do copo no conduza ao prazer dos beijos.

Ama. Exulta, iniquo, sobre os ossos de teu pae!... mas não te é dado funestar-lhe, depois de morto, a paz que lhe roubaste em vida! Não! a tua execravel voz não pode penetrar naquella pedra!

Alma bemaventurada, tu voaste para o Céo para unir-te ao meu amado Carlos, e os teus padecimentos terriveis se converteram agora em gozos celestiaes. Só eu solitaria e abandonada vivo no mundo para chorar; Oh! quanto invejo eu o teu ditoso sepulcro!

SCENA II.

Armenio agitado, e Amalia.

Arm. Ah senhora!
Ama. Que pertendes?
Arm. Peço perdão de um grande crime....
Ama. Deixa-me!

ARM. Uditemi...

AMA. Importuno!

ARM. Il vostro Carlo...
Vive!

AMA. Che parli?..

ARM. Il vero: e vostro zio..
Vive ancor esso... (fugge.)

AMA. Arréstati!.. gran Dio!
(dopo un momento di stupore.)
Carlo vive?.. O caro accento,
Melodia di paradiso!
Dio raccolse il mio lamento,
Fu pietoso al mio dolor.
Carlo vive?.. Or terra e cielo
Si rivestono d'un riso;
Gli astri, il sol non han più velo,
L'universo è tutto amor.

SCENA III.

FRANCESCO. AMALIA.

FR. Perchè fuggisti al canto
Del festivo convito?

AMA. Un'altra voce
Mi sonava nel cor; la pia preghiera
Che trasse a quella tomba il padre tuo.

FR. Vuoi piangerlo in eterno?.. Ah smetti alfine
Questo cordoglio che m'irrita, e questa
Che mi cela i tuoi vezzi oscura vesta.
Io t'amo, Amalia! io t'amo
D'immenso, ardente amore!
Meco a regnar ti chiamo,
T'offro la destra e il core;

Arm. Ouve...

Ama. Importuno!

Arm. O vosso Carlos... vive!

Ama. Que dizes?..

Arm. A verdade: e vosso tio... tambem vive... (vai-se.)

Ama. Espera!.. Grande Deus! Carlos vive?.. O' doce palavra, ó melodia do paraiso! Deus ouvio o meu lamento, foi piedoso á minha dor. Carlos vive?.. Agora a terra e o céo me sorriem; os astros e o sol já brilham sem nuvens, o universo é todo amor.

SCENA III.

Francisco e Amalia.

Fr. Porque fugiste ao canto do convite festivo?

Ama. Outra voz me soava no peito; a pia supplica que levou para aquelle sepulcro teu pae.

Fr. Queres choral-o eternamente?... Ah! modera uma dor que enfada, e despe esse negro trajo que me occulta a tua formosura.

Eu amo-te, Amalia, e o meu amor é ardente, immenso! Eu chamo-te a reinar comigo, eu te offereço a minha mão e o meu coração;

Il tuo sovrano ed arbitro
Schiavo ti cade al piè.

AMA. Tu che pur dianzi a morte
Traevi il mio diletto,
M'inviti or tua consorte
A nuzial banchetto?
Empio! all'infame talamo
Non salirai con me!

FR. Tracotante! or ben sapranno
Rabbassar la tua cervice
Quattro mura...

AMA. O vil tiranno,
Da te lungi io son felice.

FR. Tu lo speri? oh no, proterva!
Qui starai! mia druda e serva.

AMA. Ah!...

FR. Mia druda! Al sol tuo nome
Vo' che arrossi ogni persona;
Voglio trarti per le chiome...
(cerca strascinarla con sè)

AMA. Io t'offesi... A me perdona!
(simula d'abbracciarlo e gli strappa la spada
Ti scosta, impudente,
Se pur non t'è caro
Sentirti l'acciaro
Confitto nel cor!
Mi regge, mi guida
La spada omicida
Lo spirto presente
Del tuo genitor.

FR. O vil femminetta,
Chi sfidi non sai;
Col sangue dovrai
L'oltraggio scontar.

o teu soberano, feito teu escravo, te cae aos pés.

Ama. Tu, que ha pouco déste a morte ao meu querido, convidas-me na qualidade de tua esposa ao banquete nupcial? Impio! eu regeito e detesto este thalamo infame!

Fr. Atrevida! eu saberei abater esse orgulho n'uma prisão...

Ama. Vil tyranno, longe de ti sou feliz em toda a parte.

Fr. Tu o esperas?.. Proterva, desenganate, ficarás aqui minha escrava e minha amazia.

Ama. Ah!..

Fr. Minha amazia!... quero que seja vergonha proferir-se o teu nome... quero arrastarte pelos cabellos...

(quer arrastal-a.)

Ama. Eu te offendi... Ah! perdoa... (finge abraçal-o, e tira-lhe a espada.) Afasta-te, impudente, se não queres acabar aqui os teus dias! — Esta espada homicida, e a sombra inulta de teu pae, dirigem o meu braço e me inspiram valor.

Fr. Mulher vil, tu não sabes quem desafias, tu ignoras que descontarás com o teu sangue

Catene, flagelli,
Tormenti novelli
Per te la vendetta
Mi debbe insegnar.
(Amalia parte.)

SCENA IV.

Francesco solo.

A tal siam giunti, o donna,
Che nuocer mi potresti...
Nuocer!.. ti preverrò!..
Del repulso amor mio
Vendetta, e pronta io voglio.
Perfida! il tuo rigore
Accresce l'ira in me, cedo al furore!..
Quando ancor di possederti
Vivea caldo in me il desio,
T'avrei dato il sangue mio
Per un sol dè tuoi sospir!
Ma, crudel, se tu sprezzasti
La mia fiamma, il dolce affetto,
Rugge, o cruda, nel mio petto
La vendetta dell' amor!

SCENA V.

La selva boema. — Praga in lontananza mezzo ascosa fra gli alberi.

La Masnada.

Alc. Masn. Le mani in mano fin dall' aurora.

tão grave affronta. A vingança sugerir-me-ha novos tormentos pára punir-te. (Amalia vai-se.)

SCENA IV.

Francisco só.

Mulher, chegamos a tal ponto que poderias ser-me nociva!.... Nociva!.... ah! eu saberei prevenir-te; eu quero prompta vingança do meu rejeitado amor. Perfida, o teu rigor me fará romper no mais excessivos furor. Quando em mim era ardente o desejo de possuir-te, eu teria dado todo o meu sangue por um só dos teus suspiros! Porem tu, cruel, desprezaste o meu terno affecto, eu agora só anhelo vingança.

SCENA V.

A Sélva bohemia — Avista-se Praga ao longe por entre as arvores.

Os Bandoleiros.

Alguns Band. Desde a aurora não tivemos descanço.

ALTRI (accorrendo)
V'è noto il caso?

I PRIMI Dite, in mal' ora!

I SECONDI Rolla è prigione!

I PRIMI Prigion? che sento!

I SECONDI Darà quest'oggi de' calci al vento.

I PRIMI Che disse il Capo?

I SECONDI Disse e giurò
Che far di Praga vuole un falò:
Ardere un cero per tal convoglio
Degno d'un morto che nacque in soglio.

I PRIMI Se l'ha giurato, lo manterrà.
Povera Praga!

I SECONDI Tu n'hai pietà?
Povero il Rolla che va tra poco...

(una fiamma lontana vedesi rosseggiare fra gli alberi)

Oh! non vedete quel vasto foco?

I PRIMI Eccovi il cero! la non è fola,
Il Capitano tenne parola.
(scoppio spaventoso)

TUTTI Che tuono orrendo! che mai seguí?

(grida interne, quindi sbucano dagli alberi donne scapigliate con fanciulli)

DONNE La terra trema, s'abbuja il dì.
Oh noi perdute!... soccorso! ajuto!...
Il finimondo certo è venuto.
(spariscono di nuovo fra gli alberi)

SCENA V.

ROLLA ed altri MASNADIERI, poi CARLO MOOR.

MASN. Morte e demonio! chi si fa presso?

Outros. Sabeis o que ha de novo?

Os Primeiros. Fallai!

Os Segundos. Rolla está preso!

Os Primeiros. Preso? que ouço!

Os Segundos. Hoje esperneará!

Os Primeiros. Que disse o chefe?

Os Segundos. Disse e jurou que queria fazer de Praga uma fogueira; que accenderia tochas dignas do accompanhamento de um regio defuncto.

Os Primeiros. Se o jurou, cumprirá com a sua palavra. Pobre Praga!

Os Segundos. Tu tens dó della? Pobre Rolla digo eu, que vai brevemente... (avista-se ao longe uma labareda por entre o arvoredo.) Ah! não reparais naquelle incendio?

Os Primeiros. Eis as tochas! não é fabula, o capitão não faltou á sua palavra. (estrondo espantoso.)

Todos. Que horrivel trovão! que terá acontecido?

(Gritos de dentro, depois saem do arvoredo mulheres desgrenhadas com meninos)

Mulh. A terra treme, o dia se escurece... Ah! nós estamos perdidas!.. soccorro!.. auxilio!.. o fim do mundo está chegado!.. (desapparecem novamente por entre as arvores.)

SCENA VI.

Rolla e outros Bandoleiros, depois Carlos Moor.

Band. Morte e demonio! quem apparece!...

L'ombra del Rolla?.. per Dio, gli è des-
D'onde ne vieni così serrato? so!

ROLL. (anelt.°)
Io? dalla forca dritto, filato.
Dell'acquavite! non reggo più

MASN. Bevi, e poi narra.
(gli mescono un bicchier d'acquavite)

ROLL. (ad uno della masnada) Narralo tu.

MASN.° I cittadini correano alla festa,
E noi, lanciate più cánape ardenti,
Gridammo: « al foco! » da quella, da questa;
Ed ecco pressa, tumulto, lamenti...
La polveriera scoppiò con tempesta,
E la paura confuse i sergenti,
Allora il Capo fra lor s'avventò,
E il prigioniero dal laccio salvò.

ROLL. Sì! m'ha tirato fuor della fossa.

MASN. Eccolo! ha l'aria mesta e commossa!
(Carlo entra pensieroso)

MASN. Capitano! qual è la tua mente?

CAR. Noi partiam coll' aurora vegnente.
(la Masnada si perde nella selva)

SCENA VII.

CARLO solo, contemplando il sole che tramonta.

Come splendido e grande il sol tramonta!
Degno è ben che s'adori! In questa forma
Cade un eroe!.. Natura! oh sei pur bella!
Sei pur bella e stupenda; ed io deforme,
Orribile così!.. Tutto è qui riso,
Io sol trovo l'inferno in paradiso!

é a sombra do Rolla ! . . por Deus ! é elle mesmo ! Donde vens tu ?

Rol. Eu ? escapei-me mesmo agora da forca. Dai-me aguardente . . . já não me posso ter em pé.

Band. Bebe, e depois narra. (enchem-lhe um copo de aguardente).

Rol. (á um do bando) Narra tu.

Um Band. Os cidadãos corriam á festa, e nós, tendo arremessado muitos projectis ardentes, bradamos : « fogo, fogo ! » não se via de todas as partes senão tumulto e lamentos . . o paiol da polvora neste instante estalou como uma tempestade, e o pavor se apoderou da tropa. Então o nosso chefe caio sobre elles, e o prisioneiro fugio.

Rol. Sim, tu me salvaste.

Band. Eil-o como está triste e commovido !

(Carlos entra pensativo.)

Band. Capitão que tenção é a tua ?

Car. Nós partiremos ao romper da aurora.

(O bando se dispersa pela Sélva.)

SCENA VII.

Carlos só, contemplando o sol que tramonta.

Como esplendido e grande tramonta o sol ! elle é bem digno de ser adorado ! Da mesma maneira cae um heroe ! . . Natureza ! . ó quanto és formosa e estupenda ! . . ó eu tão deforme e horrivel ! . . Tudo é um riso aqui, só eu acho o inferno no paraiso !

3 *

Di ladroni attorniato.
Al delitto incatenato,
Dalla terra io son rejetto,
Meledetto — io son dal Ciel:
Cara vergine innocente!
Se mi corre a te la mente,
Pesa più la mia catena,
La mia pena — è più crudel.
Nè più mai rivederla degg'io?..
Ah, si torni al castello natío!

SCENA VIII.

La MASNADA precipitosa. CARLO MOOR.

MAS. Capitano! noi siamo cerchiati...
CAR. Da quant' armi?
MAS. Da mille soldati.
CAR. Su, fratelli! stringetevi insieme,
Non temete di gente che teme!
TUTTI Su, fratelli! corriamo alla pugna
Come lupi di questa boscaglia!
Trionfar d'una schiava ciurmaglia
Ne farà disperato valor.
Nella destra un esercito impugna
Chi brandisce la libera spada.
Basta un sol della nostra masnada
Per la rotta di tutti costor.
(partono precipitosi)

Cercado de ladrões e carregado de crimes sou expulso dos consorcios do homen, e amaldiçoado do céo.

Chara virgem innocente, se me recordo os teus encantos, a minha pena é mais cruel, mais insuportavel! — E não tornarei a vel-a?... Ah! isso é impossivel, eu volto ao castello avito!

SCENA VIII.

Os Bandoleiros, e Carlos Moor.

Band. Capitão, nós estamos cercados....

Car. Por quantos soldados?

Band. Por mil.

Car. Irmãos, ajuntai-vos, e nada receieis de quem nos teme!

Todos Irmãos, corramos á peleja, como lobos destes bosques! Nosso valor desesperado nos fará triumphar da chusma inimiga. Quem empunha uma espada livre, é senhor de um exercito, basta um só do nosso bando para derrotar todos esses escravos! (saem apressados.)

PARTE TERZA.

SCENA I.

Luogo deserto che mette alla foresta presso al castello.

Amalia.

Dio, ti ringrazio! in questa
Solitudine ignota io mi sottrassi
Agli artigli dell' empio... Ove son io?
Qual deserto mi cinge? Orma non veggo
Di battuto sentier, ma sterpi e sassi
Che fanno intoppo agli stanchi miei passi.
(grida e canti nell'interno del bosco)
Voci « Le rube, gl'incendj, gli stupri, le morti,
Per noi son balocchi, son meri diporti. »
Ama. Quai voci?.. Ohimè! caduta
Sono in man de' ladroni... o Ciel, m'ajuta!

SCENA II.

Carlo Moor. Amalia.

Ama. S'appressano...
Car. (la riconosce) Gran Dio!
Ama. (sensa guardare) Pietà, crndeli,
D'una infelice!
Car. Amalia!
Ama. Oh chi mi appella?

PARTE TERCEIRA.

SCENA I.

Logar deserto contiguo á floresta do Castello.

AMALIA.

Meu Deus, eu te rendo graças! Recolhendo-me a esta ignota solidão, subtrahi-me ás garras do impio... Porém onde estou eu?.. que deserto me circunda? Eu não descubro vestigio algum de caminho trilhado; só as pedras e as silvas estorvão os meus cançados passos.

(Ouve se bradar e cantar no interior do bosque.)

VOZES Os roubos, os incendios, os estupros, e as mortes são para nós meros divertimentos, são brincos de crianças.

AMA. Que vozes ouço eu?.. Ah! eu caí em podêr dos ladrões!.. grande Deus, soccorre-me!

SCENA II.

CARLOS MOOR, e AMALIA.

AMA. Elles se approximam...

CAR (reconhecendo Amalia) Grande Deus!

AMA. Piedade, crueis, de uma infeliz!

CAR. Amalia!

AMA. Quem pronuncia o meu nome!

CAR. Guardami.

AMA. (alza gli occhi) Chi sei tu?...

CAR. Più non ravvisi
Nel mio volto abbronzato...

AMA. Ei non m'è novo...

CAR. Carlo...

AMA. Spirti del cielo, alfin ti trovo!
(si getta nelle braccia di Carlo)

(a 2) T'abbraccio, Amalia / o Carlo, ... abbracciami!
Premi il tuo cor sul mio!
Mai più, mai più dividere
Ci può nè l'uom, nè Dio!

AMA. (sciogliendosi dalle sue braccia)
Carlo, Carlo, fuggiamo! orrende voci
Mi giunsero pur or...

CAR. Di che paventi
Se qui teco son io? (fra sè) Non sappia mai
A che mostri d'abisso io mi legai!

AMA. Qual mare, qual terra da me t'ha diviso?

CAR. Deh cessa, infelice, l'inchiesta crudel!

AMA. Mendaci novelle ti dissero ucciso.

CAR. Felice se chiuso m'avesse l'avel!

AMA. Tu pure, o mio Carlo, provasti gli affanni?

CAR. Li possa il tuo core per sempre ignorar!

AMA. Anch'io, derelitta, ti piansi lungh'anni.

CAR. E un angelo osava per me lagrimar?

(a 2) Ma un'iri di pace fugò le tempeste;
Finîro i tormenti, le angosce finîr.
E l'estasi, o caro, / cara, d'un'ora celeste
Cancella i ricordi di tanto soffrir. —

CAR. Tu nel bosco? solinga? smarrita?
Perchè sei dal castello fuggita?

CAR. Olha-me.

AMA. Quem és tu? ..

CAR. No meu crestado semblante já não divisas ...

AMA. Elle não me é novo ...

CAR. Carlos ...

AMA. Ceus! .. alfim te encontro! ..

(lança-se nos braços de Carlos.)

(a 2) Eu te abraço, Amalia, / Carlos, abraça me! une o teu coração ao meu! Agora não poderá nunca mais separar-nos nem o homem, nem Deus.

AMA. (soltando-se dos braços de Carlos) Carlos, Carlos, fujamos! Ouvi ha pouco brados horriveis ...

CAR. Nada temas, eu estou comtigo. (á parte) Ah! possa ella sempre ignorar com que monstros do abismo eu estou associado!

AMA. Que mar, que terra me tem apartado de ti?

CAR. Suspende, infeliz, a cruel pergunta!

AMA. Correo o boato que tinhas morrido.

CAR. Mui feliz seria eu se fosse verdade.

AMA. Tambem eu, meu Carlos, padeceste trabalhos!

CAR. Taes, que praza aos céos, os possas para sempre Ignorar!

AMA. Tambem eu, derelicta, te chorei muitos annos.

CAR. Um anjo ousava chorar por mim?

(a 2) Mas o iris da paz serenou a tempestade; agora cessaram as minhas angustias e os meus tormentos; a extasis de uma hora celestial apaga a recordação de todos os males passados.

Ama. Odi, Carlo: tuo padre sepolto...
Car. (fra sè) A qual pianto, a qual onta fu tolto!
Ama. M'ha Francesco, il novello signore,
Minacciato la vita e l'onore!
Car. Ah perverso!
Ama. (stringendosi a Carlo) Ma Dio mi ti guida!
Car. Nel tuo Carlo, cor mio, ti confida.
Vieni meco!
Ama. (con entusiasmo) Con te nella vita,
Poi nel cielo!
Car. (fra sè) Bell' alma tradita!
(a 2) Lassù risplendere
Più lieta e bella
Vedrem la stella
Del nostro amor.
Lassù fra l'anime
Beate in Dio
Berrem l'obblio
D'ogni dolor.

SCENA III.

Interno della foresta. — Sorgono in mezzo le ruine di antica rocca. — Notte.

La Masnada sdrajata per terra.

Le rube, gli stupri, gl' incendj, le morti
Per noi son balocchi, son meri diporti;
Fratelli! cacciamo quest'oggi la noja,
Chè forse domani ci strangola il boja.
Noi meniam la vita libera,
Vita colma di piacer.
Porge un antro a noi ricovero,

CAR. Porém tu no bosque... sósinha ... extraviada?.. Porque fugiste do castello?

AMA. Ouve, Carlos: teu pae sepultado...

CAR. (á parte) Oh! a que vergonha, a que desgosto foi elle subtrahido!

AMA. Francisco, o novo senhor insidiou-me a honra e a vida!

CAR. Ah perverso!

AMA. (abraçando Carlos) Mas Deus aqui te conduzio!

CAR. Idolo meu, confia no teu Carlos, vem comigo!

AMA. (com enthusiasmo) Comtigo durante a vida, e depois no céo!

CAR. (Que bella alma foi trahida!)

(a 2) Lá no céo veremos brilhar mais fulgida e risonha a estrella do nosso amor; só no céo entre as almas bemaventuradas poderemos olvidar a nossa cruel dor!

SCENA III.

Interior da floresta. No meio veem-se as ruinas de uma rocha secular. — Noite.

Os BANDOLEIROS deitados no chão.

Os rosbos, os incendios, os estupros, as mortes são para nós meros divertimentos, são brincos de crianças; irmãos, desterremos a tristeza porque ámanhã podemos ser estrangulados pelo carrasco!

Serve un bosco di quartier.
Qui si sfama una pinzochera,
Là c'impinza un fittajuol,
Tien Mercurio il nostro bandolo,
E' la luna il nostro sol.
Gli estremi aneliti
D'uccisi padri,
Le grida, gli ululi
Di spose e madri,
Sono una musica,
Sono uno spasso
Pel nostro ruvido
Cuojo di sasso.
Ma quando quell' ora d'un tratto risuoni,
Che il boja ne conci dal dì delle feste,
Sbrattáti dal fango stivali e giubboni,
Cogliam la mercede dell' inclite geste.
Poi tocca la meta del breve cammino
Le canne inaffiando dell'ultimo vino..
La, ra . . . la la ra . . .
N'andremo d'un salto nel mondo di lá.

SCENA IV.

CARLO MOOR, e MASNADIERI s'alzano e lo salutano.

CORO Ben giunto, o capitano!
CAR. A qual segno è la notte?
CORO A mezzo il corso.
CAR. Dormite, io veglio.
(la Masnada si corica e s'addormenta)

Nós levamos uma vida cheia de prazer e liberdade; o nosso albergue é um antro, o nosso quartel é um bosque. Aqui uma beata nos tira a fome, acolá um rendeiro nos enche a barriga; Mercurio tem a chave do nosso segredo, e a lua é o nosso sol.

Os extremos anhelitos de paes mortos, os brados e os gemidos das mães e das esposos são um passatempo para os nossos corações de pedra.

Porém quando a nossa hora é chegada, nos apresentam ao carrasco com as botas e os vestidos limpos, e recebemos a mercê de nossas inclitas façanhas. Depois attingindo a meta do nosso breve caminho, e humedecendo as guelas com o ultimo vinho... la ra, la lara... iremos de um salto para o outro mundo.

SCENA IV.

Carlos Moor. Os Bandoleiros erguem-se, e o saudam.

Coro Bem vindo, capitão!
Car. Que horas são?
Coro E' meia noite.
Car. Descauçai, eu velarei por vós.
(Os Bandoleiros deitam-se e adormecem.)

SCENA V.

CARLO MOOR solo.

Ti delusi, Amalia!
Tuo per sempre mi credi, ed io per sempre
Son diviso da te .. Non sia confuso
Coi reprobi un eletto!
(contempla la Masnada: dopo una pausa)
Anche i malvagi
Trovano il sonno.. ed io no'l trovo! Oh vita,
Tenebroso mistero! E voi non meno,
Morte ed eternità, profondi arcani,
Chi vi sa penetrar?
(cava dalla cintura una pistola)
Quest' arma vile
Frangere mi potrebbe il gran sigillo...
Frangasi! (n'arma il cane) E lo farò per lo
sgomento
D'un vivere angoscioso?
No, no! (getta l'arma) soffrire io voglio;
Dee sul dolore trionfar l'orgoglio.

SCENA VI.

ARMINIO sbuca dalla foresta. CARLO MOOR.

ARM. Tutto è bujo e silenzio... Esci al cancello,
Misero abitator di questa rôcca,
Giunta è la cena tua.
(s'accosta all'inferriata della torre)
CAR. (fra sè) Che sento!
UNA VOCE (di sotterra) Arminio!
Sei tu?

SCENA VI.

CARLOS MOOR só.

Illudi-te, Amalia! Tu me julgas teu, e eu para sempre ,estou de ti apartado. Não, um eleito não póde ser confundido com os reprobos! (Contempla os Bandoleiros: depois uma breve pausa.) Até os malvados acham descanço... só eu não o acho!.. O' mysterio tenebroso da vida! E vós não menos profundos arcanos: morte e eternidade, quem vos póde sondar? (tira da cintura uma pistola.) Esta arma vil poderia decifrar o enigma... pois decifre-se! (engatilha a arma.) Porém matar-me-hei para subtrahirme a uma vida atribulada? Não, não, (arroja de si a pistola) Eu quero soffrer, o orgulho deve triumphar da dor.

SCENA VI.

ARMENIO da floresta, e CARLOS MOOR.

ARM. Em toda a parte reinam as trevas e o silencio... Misero habitante desta rocha, chega á cancella, aqui está a tua ceia... (chega-se á grade da torre.)

CAR. Que ouço!

UMA VOZ SUBTERRANEA. Armenio! és tu?

Arm. Son io; ti ciba.

Voce Omai la fame
Mi divorava.

Arm. Addio!
Cala nella tua fossa; è mal consiglio
Lo starsene qui teco. (avviandosi) Iniquo figlio!

Car. T'arsesta! (gli taglia la strada)

Arm. (spaventato) Ohimè! son colto!

Car. Chi sei?

Arm. (come sopra) Pietà, signore!
Son reo . . . non ebbi il core . . .

Voce Arminio!.. Oh Ciel! che ascolto..

Car. Chi parla in quella torre?

(Carlo s'appressa al cancello: Arminio cerca impedirglielo.)

Arm. Signor!..

Car. (minaccioso) Ti scosta! o ch'io..

(Arminio fugge. — Carlo scrolla ed apre il cancello, entra e ne tira fuori un vecchio attenuato come uno scheletro)

Mass. Chi sei? chi mi soccorre?

Car. Qual voce?.. il padre mio!..
Ombra del Moor! che pena
Da' morti a noi ti mena?

Mass. Ombra non son, nè privo
Di vita ancor.

Car. (con crescente stupore) Sotterra
Posto non t'han?

Mass. Sì, vivo
Là dentro! (accennando il sotterraneo)

Car. Oh cielo e terra!
Qual anima d'inferno
Vi ti cacciò?

Arm. Sou eu; alimenta te.

Voz Já a fome me devorava.

Arm. Adeus! desce á tua cova; não é muito acertado que eu me demore aqui comtigo! (indo se) Iniquo filho!

Car. Suspende! (atalhando lhe o caminho.)

Arm. (assustado) Ah! estou colhido!

Car. Quem és?

Arm. Piedade, senhor! sou culpado... não tive animo de...

Uma Voz Armenio!.. Ceos!.. que escuto!

Car. Quem falla daquella torre? (Carlos apparece á cancella, Armenio lho quer impedir.)

Arm. Senhor!

Car. (ameaçando) Afasta-te, allás... (Arm. foge. Carlos força a cancella, abre-a, e faz sair o velho magro como um esqueleto.)

Max. Quem és? quem me soccorre?

Car. Que voz ouço eu?.. é meu pae! Sombra de Moor! que arcano te faz apparecer aos mortaes?

Max. Sombra não sou eu, ainda estou vivo.

Car. (cada vez mais espantado) Não foste tu enterrado?

Max. Sim, vivo, lá dentro! (indicando o subterraneo.)

Car. O' céo e terra, qual alma infernal foi capaz disto?

MASS. Mio figlio
Francesco.
CAR. Oh caos eterno!
MASS. Odi, ed inarca il ciglio!
Un ignoto, tre lune or saranno.
Mi narrò che il mio Carlo era spento;
Svenni, oppresso da súbito affanno,
E creduto fu morte il sopor.
Ripensado, mi trovo serrato
Fra quattr'assi; mi scuoto, lamento....
S'alza il panno... Francesco ho da lato,
« Come? (esclama) ri-usciti ancor? »
Ricomposto e qui tratto il ferétro,
Ne levâro il coperchio di nuovo;
« Rovesciate laggiù quello spetro,
Troppo ei visse! » mio figlio gridè.
Preghi, pianti suonarono invano.
M'han gittato iu quell'orrido covo;
E fu desso, il mio figlio inumano,
Che dell'antro le porte serrò. (sviene)
CAR. (rimane alcun tempo senza moto; tornato in sè stesso spara una pistola)
Destatevi, o pietre!
CORO (balzano in piedi) Che fu? chi n'assale!
CAR. (additando loro Mass. svenuto)
Vedete quel vecchio? Sotterra vivente
L'han fitto le branche d'un figlio infernale!
E quegli è mio padre!
CORO (stupiti) Quel vecchio cadente?
CAR. Vendetta, vendetta! La grido a' tuoi cieli,
Divin Punitore di tutti i perversi!
Che ténebra eterna lo sguardo mi veli
Se pria del mattino qnel sangue io non versi.
E voi, masnadieri, quest'oggi sarete

MAX. Meu filho Francisco.

CAR. Ouve, e estremece! Já volveram tres luas que um desconhecido me déra a nova da morte do meu Carlos; eu desmaiei, e fui julgado morto. Cobrando os sentidos, achei-me encerrado em quatro pedras; eu faço um movimento e solto um gemido... levantam a mortalha... junto a mim vejo Francisco, que exclama: tu resuscitas? Então compozeram novamente o féretro, o trouxeram aqui, e meu filho bradou: deitai esse espectro naquello cova; já elle viveo de mais! Em vão chorei, em vão soltei lamentos, o meu filho inhumano foi o proprio que me fechou naquelle antro.

(desmaia.)

CAR. (fica algum tempo immovel, depois dispara uma pistola.) Despertai, pedras!

CORO (erguendo se) Que foi, quem nos accommette?

CAR. Vedes esse velho? Um filho infernal teve a crueldade de o enterrar vivo, e elle é meu pae!

CORO (espantados) Esse velho caduco?

CAR. Vingança, vingança! eu a paço aos teus céos, divino punidor de todos os perversos! Seja eu privado eternamente da vista se antes de amanhecer eu não tiver derramado tão impio sangue! e vós Bandoleiros, hoje sereis ministros da justiça divina! Curvai a cerviz, e invocai

Ministri dell'alta Giustizia divina!
Piegate le fronti! nel fango cadete
Dinanzi il Potente ch'a tal vi destina;
Poi tutti sorgete sublimi, tremendi
Com'angeli d'ira! (i Masn. s'inginocchiano)

CORO Che vuoi? ce l'apprendi.

CAR. (pone una mano sul vecchio svenuto)
Giuri ognun questo canuto
Santo crin di vendicar!

CORO Tì giuriam questo canuto
Santo crin di vendicar.

CAR. Di qui traimi il parricida
Dal banchetto o dall'altar!

CORO Di qui trarti il parricida
Dal banchetto o dall'altar!

CAR. Di serbarlo al ferro mio
Vivo, intatto!

CORO (sorgendo impetuosi) Lo giuriam!
Struggitrice ira di Dio,
La tua spada oggi noi siam.

(fuggono tutti in tumulto. Carlo rimane e s' inginocchia innanzi al padre.)

de rojo o todo poderoso, que vos confia tão elevada empresa; e depois surgi todos tremendos e sublimes como os anjos da colera celeste!

(Os Bandoleiros ajoelham.)

CORO Falla, que ordenas?

CAR. (Põe a mão direita sobre a cabeça do velho desmaiado) Jurem todos vingar estas cãs.

CORO. Nós juramos vingar estas santas e veneraveis cãs.

CAR. Jurai de trazer me aqui o parricida, quer o encontreis no banquete, ou ao pé do altar!

CORO Sim, quer esteja no banquete ou ao pé do altar, juramos trazer-te aqui o parricida!

CAR. Jurai reserval-o vivo, e intacto aos golpes do meu ferro!

CORO (com exaltação) O juramos! — Ira exterminadora de Deus, hoje nós somos a tua espada! (Todos saem em tumulto; Carlos ajoelha diante do pae)

PARTE QUARTA.

SCENA I.

Fuga di parecchi stanze.

Francesco entra precipitoso e stravolto.

Tradimento!.. Risorgno i defunti!..
Mi gridano: assassino!.. Olà!

SCENA II.

Francesco. Arminio accorrendo con alcuni Servi.

Arm. Signore!
Fr. Non udisti romor?
Arm. No, signor mio.
Fr. No?.. Va! corri al Pastore e qui lo guida,
(ad Arminio che s'incammina.)
Rimanti! Un altro invia
(Arminio fa cenno ad un Servo, che si allontana)
Arm. Che! voi tremate?
Fr. Io?.. no, non tremo... Arminio,
(lo afferra pel braccio).
Di'! risorgono i morti? o v'ha ne' sogni
Nulla di ver? Pur ora
Un terribile io n'ebbi...
Arm. Oh come in volto
Pallido siete!

PARTE QUARTA.

SCENA I.

Varios quartos seguidos.

FRANCISCO entra precipitadamente e perturbado.

Traição!.. resuscitam os defunctos!.. chamam-me assassino!.. Olá!..

SCENA II.

FRANCISCO, ARMENIO, e Criados.

ARM. Senhor!

FR. Não ouviste rumor?

ARM. Não, meu senhor!

FR. Vai ter com o Pastor e conduze-o aqui (a Armenio que logo se encaminha) Fica! manda outro (Armenio faz signal a um criado, que sae immediatamente)

ARM. Que tens? tu tremes!

FR. Eu?.. não, não tremo... Armenio, os defunctos resuscitam, ou ha nos sonhos alguma realidade? Ha pouco tive um terrivel...!

ARM. Oh! como és pallido!

Fr. Ascoltami!

Arm. V' ascolto.

Fr. Pareami, che sotto da lauto convito
Dormissi fra l'ombre d'un lieto giardino;
Ed ecco, percosso da sordo muggito,
Mi sveglio, ed in fiamme la terra m'appar:
E dentro quel fuoco squagliáti, consunti
Gli umani abituri... poi sorgere un grido:
« O terra rigetta dal grembo i defunti!
Rigetta i defunti dai vortici, o mar. »
Ed ossa infinite coprir le pianure...
Fui tratto in quel punto sui gioghi del Sina;
E tre m'abbagliâro splendenti figure...

Arm. L'immagine è questa dell'ultimo dì!

Fr. Armata la prima d'un codice arcano,
Sclamava: « Infelice chi manca di fede! »
E l'altra, uno speglio recandosi in mano,
Dicea: « La menzogna coufondesi qui. »
In alto una lance la terza librava:
« Venite, gridando, figliuoli d'Adamo. »
E primo il mio nome fra nembi tuonava,
Che il Sina copriano d'un orrido vel.
Ogni Ora, passando, d'un nuovo misfatto
Gravava una coppa che crebbe qual monte
Ma il Sangue nell'altro del nostro riscatto
Tenea la gran mole sospesa nel ciel.
Quand'ecco un vegliardo, per fame distrutto
Spiccossi una ciocca di bianchi capelli,
E dentro la tazza di colpe e di lutto
Quel veglio a me noto la ciocca gittò.
Allor, cigolando, la coppa giù scese,
Balzò l'avversaria sublime alle nubi,
E tosto una voce di tuono s'intese:

Fr. Escuta me.

Arm. Escuto.

Fr. Parecia-me que depois de um lauto banquete eu dormia á sombra no jardim. quando despertado por um surdo mugido, acordo, e vejo sair chammas da terra, e vejo as habitações devoradas por ellas... e depois ouço bradar: terra e mar expulsai do vosso gremio os defunctos, e uma immensa quantidade de ossos cobria a planicie... De repente acho-me nas gargantas do Sinai, onde fiquei assombrado á vista de tres brilhantes figuras...

Arm. Esta é a imagem do ultimo dia!

Fr. A taça que recebia os crimes enchia-se a cada hora, e já era do tamanho de uma montanha; a outra que continha o sangue do nosso resgate estava pendente do céo: quando um velho extanuado pela fome e que eu bem conheço, arrancando um punhado de cabellos brancos, deita-o na taça dos crimes. Então esta taça desceo, e a outra opposta subio até ás nuvens, e logo ouvio-se uma voz de trovão, que prorompeo nestas palavras: « amaldiçoado o ho-

«Per te, maledetto, l'Uom-Dio non penò»
(Arminio parte con atti di raccapriccio)

SCENA III.

MOSÈ, FRANCESCO.

MOS. M'hai chiamato in quest'ora a farti giuoco
Della Fe, come suoli? o già t'incalza
L'Eternità?
FR. Chimere.
MOS. A me lo svela
Quel tuo pallor: tu tremi!
FR. Di che?
MOS. Del Dio che neghi ed or ti rugge
Nell'anima confusa.
FR. (trema) Ah!
MOS. Già lo senti
Chiederti la ragion de' tuoi delitti.
FR. Che far mi può? Se l'alma
Non è mortale, provocar vo' tanto
Quel tuo Dio che la strugga. Or qual peccato
Più lo mette in furor?
MOS. Son due le colpe:
Il parricidio e 'l fratricidio.
FR. (con ira) Taci,
Spirito menzognero!
MOS. Ma non può concepirle uman pensiero.

SCENA IV.

ARMINIO torna spaventato. I precedenti.

ARM. Precipita dal monte un furibondo
Stuolo di cavalieri . . .

mem — Deus não padeceo por ti» (Armenio sae horrorisado.)

SCENA III.

MOSER, e FRANCISCO.

MOS. Me chamaste a esta hora para zombar da fé como costumas, ou já sentes avisinhar-se a eternidade?

FR. Chimeras!

MOS. Tu tremes! a tua pallidez te accusa!

FR. De que?

MOS. Do Deus que descrês, e que agora confunde e perturba a tua alma.

FR. Ah! (tremendo.)

MOS. Já Elle te pede conta dos teus crimes.

FR. Que me póde elle fazer? Se a alma é immortal, quero provocar á Deus de tal maneira que a destrua. Agora dir-me has qual é o peccado que mais o affronta?

MOS. São dous: o parricidio e o fratricidio.

FR. Cala-te, mentiroso!

MOS. Porém são delictos que o pensamento humano não podem conceber.

SCENA IV.

ARMENIO, que volta espantado, e dictos.

ARM. Um furioso bando de cavalleiros vem descendo do monte a toda a pressa. . .

Fr. (in grande agitazione) Al tempio tutti!
Tutti preghin per me!

Voci e grida (interne) La rôcca in polve!

Fr. (al Moser in atto di minaccia)
M'assolvi!

Mos. Iddio lo può, l'uom non t'assolve.

Fr. (s'inginocchia)
E' la prima! .. Odimi, Eterno! ..
E sarà la volta estrema,
Ch'io ti prego...
(s'alza in furore) Ah no, l'inferno
Non si dee beffar sì me!

Mos. Trema, iniquo! il lampo, il tuono
Ti sta sopra ... iniquo, trema!
Dio ti nega il suo perdóno,
Sta l' abisso innanzi a te.
(partono per opposte vie)

SCENA V.

Foresta come nell' ultima scena dell' atto terzo. = Sorge il mattino.

Massimiliano Moor seduto sopra un sasso. Carlo Moor al suo fianco.

Mass. Francesco! figlio mio!
(con accento di pietà)

Car. Che! lo compiangi?

Mass. Me non vendica il Ciel per le tue mani,
Me sol castiga! .. al tuo padre perdona,
Spirito del mio Carlo!

Car. (intenerito) Ei ti perdona!

Mass. Per sempre io l'ho perduto!

Fr. (com grande agitação) Reuni-vos todos no templo a orar por mim!

Vozes e brados (de dentro) A rocha foi pelos ares!

Fr. (a Moser, ameaçando-o) Absolve-me!

Mos. Sò Deus póde absolver-te, o homem não.

Fr. (ajoelha) Deus eterno!... esta é a primeira e ultima vez que eu te supplico... (ergue-se arrebatado de ira) Ah! não, o inferno não deve zombar de mim!

Mos. Treme, iniquo, o relampago e o trovão já estalam sobre a tua cabeça! Treme, iniquo, Deus já te recusa o seu perdão, já o abysmo se abre aos teus pés! (todos se retiram.)

SCENA V.

Floresta como na ultima scena do terceiro acto. — Surge a aurora do horisonte.

Maximiliano sentado n'uma pedra e Carlos Moor.

Max. Francisco! ó meu filho! (com accento piedoso.)

Car. Pois ainda o lastimas?..

Max. O céo não me vinga pelas tuas mãos, elle me castiga! Espirito de Carlos, ah! perdoa a teu pae!..

Car. (enternecido) Oh! elle te perdoa!

Max. Eu o perdi para sempre!

Car. Ah sì! per sempre!
Mass. Ed io misero vivo?
Car. (fra sè) (Il Ciel m'inspira!..
Se carpir gli potessi...) Or dammi il prezzo
Del tuo riscatto, o vecchio, e benedici
Al tuo liberator! (s'inginocchia)
Mass. (ponendogli la mano sul capo) Misericorde
Così sia teco Iddio
Come il sei tu!
Car. Mi bacia, o vecchio pio.
Mass. Come il bacio d'un padre amoroso
(lo bacia)
L'abbi tu, benamato stranier;
Come il bacio d'un figlio pietoso
A me pur lo figuri il pensier.
Car. Tutto il dolce d'un labbro paterno
Dal tuo labbro nel cor mi passò:
Del mio cielo perduto in eterno
Un fuggente splendor mi beò.

SCENA VI.

Parecchi Masnadieri entrano e s'accostano a Carlo a passo lento e fronte dimessa.

Car. (atterrito) Qui son essi!
Mas. Capitano,
Capitan!
Car. (senza guardare) Chi siete voi?
Mas. Non è qua... n'uscì di mano...
Car. (leva le mani al cielo)
Grazie a Te, che tutto puoi!

CAR. Ah! sim, para sempre!

MAX. E eu infelizmente ainda vivo!

CAR. O' céo inspira-me) Velho veneravel, dá-me o premio do teu resgate. abençoa o teu libertador!

MAX. (pondo-lhe a mão sobre a cabeça) Assim Deus seja misericordioso para comtigo como tu o és para comigo!

CAR Beija me, velho piedoso!

MAX. (beija-o) Meu querido estrangeiro, figura-te que este beijo seja dado por um pae amoroso, ao mais piedoso dos filhos.

CAR. Ah! elle transfundio no meu peito todas as doçuras do amor paternal; elle fez brilhar aos meus olhos um raio da luz divina que p ara sempre perdi!

SCENA VI.

Varios BANDOLEIROS entram, fallando a CARLOS com voz submissa.

CAR. (assustado) São elles!

BAND. Capitão, capitão!

CAR. (sem olhar) Quem sois vós?

BAND. Elle não está aqui.... fugio...

CAR. (ergue as mãos ao céo) Omnipotente Deus, eu te agradeço!

SCENA VII.

Altri Masnadieri coll' Amalia.

Mas. Allegri, compagni! stupendo bottino!
Ama. (coi capelli sparsi)
Lasciatemi, o crudi... mio Carlo, ove sei?
Mass. Amalia!
Ama. Tu vivo?
Car. (s'avvede di Carlo e gli getta le braccia al collo)
Tu, tu mi difendi!
Car. (tenta sciogliersene) Vincesti, o destino!
Ama. (con meraviglia)
Vaneggi, o mio sposo?
Mass. Tuo sposo?
Car. (ai Masn.) Strappate
Costei dal mio collo! quel vecchio svenatte!..
Lei pur trafiggete, me stesso, voi tutti!
O fossero i vivi d'un colpo distrutti!..
Mas. Delira? (fra loro)
Car. (al padre) Quel figlio da te maledetto
Fu pur dal Signore percosso, rejetto!
(trae la spada e s'avventa alla Masnada minaccioso e terribile)
Ma voi che nel fondo dal ciel mi traeste,
Ministri esecrati dell'ira celeste . . .
(volgendosi con sùbito moto ad Amalia ed al padre)
Amalia, m'ascolta! Ascoltami e muori,
Miserrimo vecchio! que' tuoi salvatori
Son ladri, assassini!.. li guida il tuo Carlo!
(stupore universale)
Mass. Ama. Sventura, sventura!

SCENA VII.

Outros BANDOLEIROS, AMALIA, e dictos.

BAND. Companheiros, alegrai-vos! outra pilhagem!

AMA. Deixai-me, crueis... onde está o meu Carlos?

MAX. Amalia!

AMA. Tu vives?

CAR. Quem a conduzio aqui?

AMA. (vê Carlos, e lança-se nos seus braços.) Defende-me!

CAR. (querendo soltar-se) Fado adverso, venceste!

AMA. (espantada) Meu esposo, tu deliras?

MAX. Teu esposo?

CAR. (aos Band.) Arrancai a dos meus braços! tirai a vida a esse velho, a ella, a mim, e depois a vós mesmos!... Ah! se eu podesse de um só golpe extinguir todo o genero humano!...

BAND. Elle tresvaria!

CAR. (ao pae) O filho que amaldiçoaste tambem foi condemnado pelo céo! (lança mão da espada e arremessa-se sobre os Bandoleiros) Porém vós, execraveis ministros da ira celeste, que me arrancastes do fundo do céo para precipitar-me nos abysmos do inferno.... morrei todos.... (volta-se para Amalia e o pae) Amalia, e tu miserrimo velho, estalai com dor. (a Max.) Aquelles que te libertaram são ladrões, são salteadores, e eu sou o chefe delles!. (espanto universal.)

Mas. Perchè non celarlo?

Car. (dopo lunga pausa, abbattuto)

Caduto è il reprobo! l'ha colto Iddio.
Sogni di gaudio, per sempre addio!
I ceppi, il carcere, la scure, il rogo,
Son questi i pronubi del nostro amor.

Ama. (uscita di stupore si getta di nuovo fra le braccia di Carlo)

Demonio od angelo... non t'abbandono!
L'inseparabile tua sposa io sono;
Con te dividere vo' scettro e giogo,
Vo' cielo ed erebo, gioja e dolor.

Car. (in eccesso di gaudio)

M'ama quest'unica!.. m'ama ed obblia!

Ama. Mio Carlo!

Car. Amalia!

Ama. Car. Per sempre mio! / mia!

Morrano i secoli, cadranno i mondi,
In noi coll'anima l'amor vivrà.

Mass. (uscito anch'esso di stupore, fra sè)

Ed io colpevole di questa prole
La pia contamino luce del sole?
Nè s'apre un báratro che mi sprofondi?
Tremuoti e turbini Dio più non ha?

Coro (avanzandosi)

Spergiuro, ascoltaci! più non rammenti
Gl' irrevocabili tuoi giuramenti!
(si scoprono i petti)
Nostro ti fecero queste ferite;
Mirale, o perfido! le abbiam per te.

Car. (ricade nel primo abbattimento)

E' ver! mi strappano dagli occhi il velo;
Dal mio precipito sognato cielo!

Car. (depois de longa pausa) O reprobo caio! a ira-punidora de Deus o ferio! Sonhos de felicidade, adeus para sempre! Serão pronubos ao nosso amor, os ferros, o carcére, o cutélo, e a pyra!

Ama. (lança-se novamente nos braços de Carlos) Demonio ou anjo, eu não te abandono! eu sou a tua esposa inseparavel; quero compartir comtigo o sceptro ou o captiveiro, o praser ou a dor, o céo ou o inferno!

Car. (no excesso da alegria) Esta mulher incomparavél ama-me... ama me e olvida tudo!

Ama. Meu Carlos!

Car. Amalia!

Ama. e Car. Meu / Minha para sempre! Acabarão os seculos e os mundos, mas o nosso amor será immortal como a alma!

Max. (tornando em si do seu sobresalto) E eu culpado de haver dado o ser a prole tão malvada, ainda contamino a pureza dos raios do sol? e a terra não abre os seus abysmos para tragar-me? Deus já não tem terremotos e raios?

Coro (a Carlos) Perjuro! já deslembras teus juramentos irrevogaveis? (descobrem os peitos) Perfido! olha para estas feridas, foi por ti que nós as recebemos!

Car. (torna a cair no primeiro abatimento.) E' verdade! elles me tiram dos olhos o véo que me illudia! eu torno a precipitar-mè do céo

Di me son arbitre quest'empie vite,
M'ingoja un vortice, mi trae con sè.

Ama. Se non puoi frangere la tua catena,
Vanne! abbandonami...ma pria mi sve
na!
Insopportabile vita mi resta . . .
Dammi quest' ultimo pegno d'amor.

Car. (alla Masnada)
Udite, o démoni! m'avete offerto
Un capo orribile d'onta coperto . . .
Io v'offro un angelo!
(cava il pugnale)

Mas. Che fai? t'arresta! . . .
(Carlo ferisce l'Amalia)

Car. Ora al patibolo! (Carlo parte)

Mas. (tutti intorno all'Amalia) Tardi ella muor!

FINE.

que havia sonhado! Estes malvados são arbitros da minha vida; elles são a coragem que me serve e precipita no abysmo!

AMA. Se não pódes quebrar tão infames laços, vai-te, abandono-me... mas primeiro mata-me... a vida que me resta me é insupportavel..... peço te este ultimo testemunho de amor!

CAR. Ouvi, demonios! Vós me tendes offerecido uma cabeça horrivel, coberta de vergonha e ignominia... eu vos offereço um anjo! (Fere Amalia com um punhal)

BAND. Que fazes? suspende!..

CAR. Agora vou ao patibulo! (vai-se.)

BAND. (todos em roda de Amalia.) Já é tarde!... ella morre!

FIM